

## Obstetrícia, Ginecologia e Saúde Sexual Obstetrics, Gynecology and Sexual Health

Fátima Serrano\*

O papel central da sexualidade na saúde global dos indivíduos é enfatizado há décadas pela Organização Mundial de Saúde<sup>1</sup>. Embora a promoção da saúde da mulher envolva a implementação de ações que contemplem toda a abrangência da sexualidade, o interesse da Obstetrícia e Ginecologia por esta área tem-se dirigido essencialmente para alguns aspetos reprodutivos e para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, omitindo outros igualmente importantes relacionados com a orientação, o interesse, a resposta, o comportamento e a satisfação sexual.

Os problemas sexuais têm uma elevada prevalência, estimando-se que mais de um terço das mulheres refira queixas de desejo sexual hipotativo, de dor associada à atividade sexual ou de insatisfação sexual<sup>2</sup>. A introdução, na década de 90, do citrato de sildenafil para tratamento da disfunção erétil, voltou a chamar a atenção para esta temática. Desde essa altura multiplicaram-se os estudos na tentativa de encontrar um «elixir» para o tratamento dos problemas sexuais das mulheres, sem atender às diferenças que existem entre sexualidade masculina e feminina. Esta *medicalização* da sexualidade assente em soluções farmacológicas, muitas vezes *off-label*, e que esquece os aspetos psicossociais e relacionais, ameaça reduzir a experiência sexual da mulher mais a uma questão de desempenho do que de satisfação sexual.

Entretanto, devido principalmente ao papel crescente dos *media* na divulgação de assuntos de índole sexual, as mulheres estão hoje em dia mais conscientes e exigentes sobre a sua sexualidade, e procuram cada vez mais aconselhamento médico relativamente a estas questões. Muitas ainda não o fazem devido a constrangimentos e sentimentos de culpa. Por outro lado, se o médico não pergunta, a mulher pode assumir que esse assunto não é desejado na consulta. Dar à mulher a oportunidade de falar pode, por si só, ajudar a melhorar a qualidade da sua vida sexual.

Os obstetras e ginecologistas encontram-se numa situação privilegiada para discutir estes assuntos. Contudo, e apesar da oportunidade e pertinência desta temática, dificuldades em abordar e tratar as queixas sexuais são frequentemente referidas na prática clínica. Vários estudos têm mostrado que a maior parte dos clínicos não investiga de forma regular a saúde sexual das suas doentes<sup>3,4</sup>. Algumas barreiras como conhecimento insuficiente sobre sexualidade, constrangimento em abordar este tema e, sobretudo, a falta de tempo, são frequentemente invocadas para essa atitude.

Estes dados reforçam a necessidade de maior investimento neste domínio, transversal a praticamente todas as áreas e especialidades, e que continua a ser uma lacuna na formação médica. Nos últimos anos, várias Organizações e Sociedades Científicas passaram a incluir temas relacionados com a sexualidade nas suas reuniões e congressos. Em 2011, o *American College of Obstetricians and Gynecologists* publicou as primeiras *guidelines* sobre a abordagem, diagnóstico e terapêutica das Disfunções Sexuais Femininas<sup>5</sup>. Mais recentemente, também a Ordem dos Médicos Portuguesa reconheceu a necessidade de colmatar este vazio, criando a competência em Sexologia Clínica<sup>6</sup>.

A Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa tem acompanhado todo este esforço formativo e de divulgação. Só nos três últimos anos foram publicados oito artigos (5 artigos de revisão e três estudos originais) relacionados com a saúde sexual da mulher. Temas como o *Tratamento das Disfunções Sexuais Femininas*, o *Tratamento Endócrino dos Transtornos de Identidade de Género*, a *Mutilação Genital Feminina*, a *Sexualidade e a Gravidez na Adolescência*, a *Contraceção Hormonal e a Sexualidade*, foram abordados nas suas páginas, promovendo a reflexão e o debate nos locais de trabalho, mudando (pequenas mudanças...) a qualidade do atendimento das mulheres.

No entanto, e apesar de todo este esforço, muito há a fazer. A pressão que atualmente existe para realizar consultas em tempos limites não é favorável à discussão destas questões. Quem reconhece a importância desta matéria tem o dever de contrariar este cenário e

\*Editora Associada da Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa

de motivar todos os atores da saúde para a criação de um ambiente propício à realização de uma história sexual.

Por outro lado, numa questão tão rica e complexa, é imprescindível o envolvimento de profissionais de várias áreas (Urologia, Psiquiatria, Psicologia e Medicina Geral e Familiar entre outras), que facultem a partilha de conhecimentos e pontos de vista e permitam uma abordagem holística da sexualidade.

Encontramo-nos numa fase de viragem e oportunidade. Os Obstetras e Ginecologistas, pela proximidade intrínseca à especialidade, encontram-se numa posição ímpar para ouvir, desmistificar e orientar as mulheres que expressam problemas sexuais!

## REFERÊNCIAS

1. Education and treatment in human sexuality: the training of health professionals. Report of a WHO meeting. World Health Organ Tech Rep Ser. 1975;(572):5-33.
2. Pauleta J, Mendes Graça L. Tratamento farmacológico das disfunções sexuais femininas. Acta Obstet Ginecol Port 2011;5(4):170-179.
3. Sobocki J, Curlin F, Rasinski K, Lindau S. What we don't talk about when we don't talk about sex: results of a national survey of U.S. obstetricians & gynecologists. J Sex Med. 2012;9(5):1285-94.
4. Kottmel A, Ruether-Wolf KV, Bitzer J. Do Gynecologists talk about sexual dysfunction with their patients? J Sex Med. 2014; 11(8):2048-54.
5. ACOG Practice Bulletin No. 119: Female sexual dysfunction. Obstet Gynecol. 2011; 117(4): 996-1007.
6. Critérios para admissão por consenso na competência em Sexologia Clínica. 2014. [www.ordemdosmedicos.pt](http://www.ordemdosmedicos.pt)